A MENININHA DO HOTEL METROPOL

LIUDMILA PETRUCHÉVSKAIA

A menininha do Hotel Metropol

Minha infância na Rússia comunista

Tradução do russo
Cecília Rosas

Companhia Das Letras

Copyright © 2006, 2009, 2017 by Liudmila Petruchévskaia

Publicado mediante acordo com Banke, Goumen & Smirnova Literary Agency (www.bgs-agency.com).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
Никому не нужна. Свободна

Capa
Elisa von Randow

Ilustração de capa
Goma Coletivo

Preparação
Lígia Azevedo

Revisão
Angela das Neves
Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Petruchévskaia, Liudmila
A menininha do Hotel Metropol : minha infância na Rússia comunista / Liudmila Petruchévskaia; tradução do russo Cecília Rosas. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

Título original: Никому не нужна. Свободна
ISBN 978-85-359-3305-5

1. Autoras russas – Século 20 – Memórias – 2. Comunismo – Aspectos sociais – União Soviética 3. Hotel Metropol (Moscou, Rússia) – História – Século 20 4. Moscou (Rússia) – Vida social e costumes 5. União Soviética – História – 1925-1953 I. Título.

19-31527 CDD-891.7803

Índice para catálogo sistemático:
1. Memórias : Escritores : Literatura russa 891.7803

Iolanda Rodrigues Biode – Bibliotecária – CRB-8/10014

[2020]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br
facebook.com/companhiadasletras
instagram.com/companhiadasletras
twitter.com/cialetras

Sumário

A MENININHA DO HOTEL METROPOL
Começo, 9
Os Veguer, 12
Os Iákovlev, 21
O começo da guerra, 33
Circunstâncias familiares, 38
Kuibichev, 40
Kuibichev/Modos de existência, 46
Como fui salva, 50
O circo de Dúrov, 54
Em busca de comida, 57
As bonecas, 60
A vitória, 63
A ODO, 65
A linguagem da corte, 70
O Teatro Bolchói, 73
Escada abaixo, 76
Hibernações literárias, 80

Meus concertos/O suéter verde, 83
O retrato, 86
A história do pequeno marinheiro, 88
Outra vida, 93
O Metropol, 97
Lénotchka Veguer, 101
Mamacha, 104
O acampamento, 107
Rua Tchékhov/Vovô Kólia, 112
Tentando caber, 116
O orfanato, 120
Quero viver, 126

HISTÓRIAS

Necessária para ninguém, 133
Campainha-branca, 143
Groselhas verdes, 156
Gorila, 176
O nome do livro, 183
Cisne Agonizante, 192
Sánitch, 195
Como uma flor na alvorada, 208
Alfinetada no lombo, 223
O achado, 230
Música do inferno, 270
Em lugar de uma entrevista, 293

A MENININHA DO HOTEL METROPOL

Começo

Quando penso na espécie humana, não a imagino como uma árvore genealógica cheia de galhos. A espécie humana parece uma floresta, ela se estende ao longe — e aparece como uma corrente de pessoas-árvores de mãos dadas. Não sei por quê, mas é assim. Ali, na névoa dos tempos e dos séculos, estão elas, as gerações precedentes, árvores de muitos braços, e cada antepassado está unido, pelos ramos, de um lado a seus pais, do outro a seus filhos. Cada um é pai e ao mesmo tempo filho, e único no mundo. E cada uma é filha de sua mãe e mãe de sua filha ou de seu filho, e ao mesmo tempo uma criatura singular, que não se parece com nenhuma outra. Cada pessoa está só nestas três faces — filho, pai e indivíduo.

Quem está no centro é forte, sustenta os dois lados: tanto os que estão antes quanto os que vieram depois. E esse centro se desloca com os séculos. A pessoa enfraquece, sua força passa para a próxima geração. Sua inteligência e seu conhecimento se vão junto com ela, não há como transmiti-los, mas as qualidades podem passar para os descendentes — a persistência, até uma

obstinação animal diante da possibilidade de ser ferido; a força do espírito; a convicção de que a comida deve ser espartana e a água do banho, gelada; a voracidade nas festas; a discordância das autoridades; a fidelidade às suas posições diante do próprio sofrimento e do sofrimento de pessoas próximas; a sentimentalidade, o amor pela música e pela poesia, e a pouca paciência para bobagens; a feroz sinceridade e a absoluta incapacidade de chegar a qualquer lugar na hora certa; a pureza de intenção, a tendência a ajudar a todos e o ódio pelos vizinhos; o amor pelo silêncio e pelo volume do grito cotidiano; a capacidade de viver sem dinheiro e o gasto desvairado com presentes; a completa bagunça em casa e a exigência rigorosa de que os habitantes limpem sua

A família Veguer em um passeio em 1912. Minha avó Valentina de blusa branca; atrás dela, meu bisavô Iliá Serguêievitch Veguer (Dêdia) e meu avô Nikolai Iákovlev. Dêdia não gostou quando suas filhas se casaram, isso provavelmente explica sua expressão beligerante.

sujeira — e um amor ilimitado pelas crianças pequenas, especialmente quando estão dormindo, em toda a sua beleza.

Minha bisavó Ássia morreu de septicemia aos 37 anos, deixando seis filhos. O marido, meu bisavô Iliá Serguêievitch, médico, foi então para o rio. Ele se sentia culpado pela morte da esposa. Cinco filhos correram atrás dele, alcançaram-no na margem e se penduraram no pai, impedindo-o. A mais velha, Vera, carregava a pequena. Enquanto estavam enterrando Ássia, sua filha Válenka, de oito anos, ficava andando atrás do pai como uma sombra, seguindo seus passos e balbuciando: "Vou te seguir pra sempre". Quase todos entraram para a clandestinidade; meu bisavô era bolchevique, lutava pelos direitos dos oprimidos. Normalmente trabalhava como médico nas fábricas; os doentes, pessoas pobres, vinham aos montes dos povoados e aldeias. Ele nunca recebia dinheiro por fora pelas consultas. Só o salário. Atendia todos os oprimidos por princípio, mas deveria cuidar apenas dos funcionários. Por isso, em geral, era logo demitido, e encontrava trabalho principalmente nas epidemias de cólera e peste — quando aceitavam todos os médicos, até os que já haviam sido condenados.

Eu, logo que comecei a falar, o chamava de Dêdia.

Os Veguer

Nasci no Hotel Metropol, a segunda Casa dos Sovietes; seus quartos eram ocupados por velhos bolcheviques, entre eles meu bisavô, Dêdia, Iliá Serguêievitch Veguer, membro do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR) desde 1898. Também morava ali, desde que se divorciara de N. F. Iákovlev, a filha de I. S. Veguer, minha avó, Valentina Ilínitchna Iákovlev, também do partido desde 1912, com as filhas Vera Nikoláievna e Valentina Nikoláievna, minha futura mãe. Todas três, como convém a um conto de fadas, eram incrivelmente bonitas. O jovem Maiakóvski flertou com vovó Vália, mas ela preferiu o estudante Kólia Iákovlev. A primeira filha deles, Vava (Vera), cresceu e se tornou a moça mais bonita (um sorriso branco, uma linda trança, olhos azul-escuros) da Academia Militar de Veículos Blindados, e minha mãe, desde os catorze anos, como era muito alta, quando saía na rua sempre encontrava cavalheiros querendo acompanhá-la, em especial soldados, ainda mais porque ela respondia ingenuamente às perguntas de como se chamava e onde morava — mas não dizia quantos anos tinha, o que afligia a mãe e a

irmã. Na família, chamavam minha mãe de Liulia. Ela era a mais nova e sempre a consideravam uma criança, apesar de ter estudado obstinadamente e lido montanhas de livros na escola e na faculdade de literatura. Em sua escrivaninha havia pirâmides de tomos (só sobre a Idade Média, havia três antologias enormes). Ela estudava literatura com tanta seriedade que encarava a leitura normal como uma profanação. A respeito da sobrinha da terceira mulher de seu avô (Dêdia), que bem na época da fome ia sempre ao Metropol pegar livros com ele, Liulia dizia: "Claro, ela é uma heroína de Turguêniev, sentada num banco junto a um laguinho com um romance nas mãos". Na verdade, a sobrinha ficava para jantar.

Para a jovem Liulia, a literatura era objeto de estudo! Mas em segredo ela amava o jovem Górki.

E acabou que Liulia, uma moça ingênua, séria e totalmente inocente, ficou grávida no dia de seu aniversário, 23 de agosto de 1937, numa datcha em Serébriani Bor.

Na infância, escutei com meus próprios ouvidos o que ela disse à nossa zeladora, Grânia, barriguda de oito meses, que estava reclamando de por muito tempo não ter conseguido engravidar. Estávamos no portão e minha mãe riu, apontando para mim: "Já comigo, da primeira vez…".

Naquele verão eles estavam morando em Serébriani Bor.

Era uma datcha do governo, do irmão mais velho da vovó, Vladímir Ílitch Veguer, bolchevique antigo, dirigente de uma célula partidária do POSDR na Krásnaia Prêsnia e um dos organizadores da famosa insurreição com barricadas em 1905. No partido, usava o codinome Povóljets.

(Muitos passam entre as estações de metrô Barrikádnaia e Ulítsa 1905 Goda. Ninguém sabe que tudo isso foi obra do meu tio-avô Vladímir Ílitch, todos os nomes, aquelas pedras reviradas da calçada e as barricadas, todas aquelas futuras esculturas esti-

Valentina (Liulia) e Vera (Vava), minha mãe e minha tia, em 1930. Naquele ano, minha mãe e minha avó encontraram o poeta Vladímir Maiakóvski no bonde. Sua aparência era exausta e melancólica. Ele cometeu suicídio meses depois.

lo "o pedregulho é uma arma do proletariado". Até hoje o transporte de Moscou faz barulho por causa de um pedregulho histórico deixado de propósito entre a praça Vosstánia e o metrô Barrikádnaia.)

Povóljets, aliás, aceitou no partido o Maiakóvski adolescente de quinze anos; depois, foi parar na prisão Butírskaia e mais tarde saiu do partido.

Maiakóvski ia para o prédio se encontrar com Vladímir Ílitch-Povóljets, e lá conheceu as irmãs mais novas dele, Vera e Vália Veguer. Ele se apaixonou por Válietchka imediatamente.

Dizia-se no folclore familiar que Maiakóvski e Burliuk saíram do prédio usando blusas, Maiakóvski a famosa blusa amare-